



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13501 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

Por que ampliar o olhar para a cena cultural com a audiodescrição?

Thiago de Lima Torreão Cerejeira - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

POR QUE AMPLIAR O OLHAR PARA A CENA CULTURAL COM A AUDIODESCRIÇÃO?

Resumo: A cena cultural é diversa e promove espaços de interação e reflexão, além de se configurar como um direito que deveria estar disponível e acessível a todas as pessoas. Pensando a partir de tal pressuposto, considerar formas diversas e múltiplas de fruição estética que possibilitem o acesso de pessoas com deficiência aos espaços culturais deve ser uma práxis efetiva. Detemo-nos nesse estudo na perspectiva de pensar as justificativas que ampliam o olhar para a cena cultural com a audiodescrição, recurso de acessibilidade comunicacional que propicia, ao público com deficiência visual, a apreciação de obras artísticas por meio de um procedimento de tradução intersemiótica, que advém da captura do olhar dos contextos visuais, que são transmutados em contextos verbais. A reflexão acerca dessas incursões deflagra a necessidade premente de iniciativas e investimentos nesses recursos que asseguram a acessibilidade cultural desses espaços, garantindo, desse modo, o direito desse público à convivialidade, ao encontro com as obras artísticas e à experiência estética.

Palavras-chave: Audiodescrição, Acessibilidade cultural, Experiência estética.

A pergunta que dá título a esse estudo - "Por que ampliar o olhar para a cena cultural com a audiodescrição?" -, enfatiza, com veemência, a premente necessidade do debate acerca da acessibilidade na cena cultural, de modo a proporcionar a ampliação de público nos circuitos artísticos e, não só isso, alerta ainda para a possibilidade de refletir sobre a experiência estética do público com deficiência nesse panorama, considerando para tanto o potencial transformador que tem a arte, no sentido de deflagrar a ampliação do senso crítico, as noções de pertencimento e representatividade, bem como da própria maximização dos encontros nesses contextos culturais.

Entenda-se por cena cultural o contexto de eventos e espaços culturais com enfoque na arte e na cultura, que promovem a apreciação de obras e linguagens artísticas, A considerar, dentre outras, o cinema, o teatro, a performance, os museus e exposições.

Esses princípios atendem ao direito fundamental de acesso à cultura, conforme indicado na Declaração Universal de Direitos Humanos (1948), que estabelece a prerrogativa de que todas as pessoas têm o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade.

Tomando como base essa implicação, supõe-se que na prática os espaços culturais deveriam estar acessíveis e adequados a todas as pessoas, tanto em termos de estrutura física, quanto no que diz respeito aos dispositivos comunicacionais e atitudinais, pois entende-se que "[...] a maioria dos resultados das adequações acessíveis nas diversas esferas dos ambientes, produtos e serviços traz benefícios para toda a comunidade" (SARRAF, 2018, p. 24).

A partir de tais premissas, destacamos nessa interlocução a perspectiva das pessoas com deficiência visual, tendo como referência a audiodescrição, enquanto recurso de acessibilidade comunicacional e cultural que poderá propiciar a esse público uma experiência de fruição mais satisfatória e significativa das obras, produtos e contextos artísticos.

Destaque-se de antemão que, nesse caso, levando em conta o caráter subjetivo inerente à arte, a audiodescrição terá um papel crucial para os espectadores com deficiência visual, visto que o recurso desvelará nuances, minúcias e sutilezas das obras e produtos artísticos, de maneira a fazer com que esse público possa fruir, criar relações, sentidos e inferências para a experiência estética que estará sendo constituída.

A instauração de circuitos culturais que privilegiam o uso da audiodescrição configura-se, assim, como uma potente via que proporciona o acesso desse público aos espaços culturais e artísticos e o encontro com suas obras. De outro modo, caso tais ambientes e instituições não dispusessem desse recurso de acessibilidade, alijariam o público com deficiência visual desses encontros e da possibilidade da experiência estética com a arte e seus múltiplos caminhos de subjetivação.

Ao falarmos em encontros, estamos destacando uma experiência convivial, não somente com as pessoas, mas sobretudo com as obras artísticas, que podem ser matéria para um verdadeiro encontro deflagrador de reflexão, de criticidade, de formação de instâncias de

compreensão de si e do outro.

A experiência de encontro não parte, necessariamente, da busca pela cultura, mas por situações e zonas de contato que provoquem o despertar de uma intrínseca relação subjetiva, que aciona a compreensão de formas e processos não perceptíveis no cotidiano, ou que, por vezes, não são deflagrados no exercício pleno da racionalidade.

Deleuze, em entrevista à Claire Parinet (1994), discorre acerca da ideia de encontro a partir de uma visão muito própria e singular, da qual podemos extrair um escopo instigante para discutir o campo potencial da arte na criação de elementos fundamentais à constituição humana, enquanto ser social que pensa, repensa, age, constrói, inventa e reinventa-se a todo instante.

Talvez a peculiaridade das relações sociais seja um aspecto de problematização na concepção deleusiana, contudo é preciso considerar que esses encontros entre pessoas pode ser também uma via possível para a descoberta de novos modos de ser, sentir e estar no mundo, aspecto que pode contribuir também para a própria ideia de uma reeducação do olhar, no sentido de articular o modo como se percebe a diferença desse outro que sente, pensa e age diferente de mim.

Entramos, por conseguinte, em um terreno que converge para a caracterização do princípio basilar das relações sociais, no tocante à singularidade dos indivíduos, seus processos de trocas e interações que podem, em sua maior parte, assumir um caráter conflitante e opositivo, mas de maneira alguma irrelevantes, visto que são, justamente, essas dissonâncias que desencadeiam os princípios alteritários em ambas as culturas e sujeitos, instituindo assim processos de acabamento, construção e desconstrução de preconceitos estabelecidos.

Assumimos desse modo, como cerne, o panorama que vai ao encontro das relações identitárias e de pertencimento ou, como pondera Bakhtin (2010), relações opositivas e conflitantes, delimitando-nos a analisar a conjuntura propícia ao contexto dos espaços culturais que promovem, por meio de recursos de acessibilidade como a audiodescrição, o encontro e confronto dessas diferentes culturas, desses modos diversos de sentir, pensar, existir, representadas nesse caso pelo público com e sem deficiência visual.

Questionamos, então, em que medida a utilização dos recursos de acessibilidade comunicacional, como no caso da audiodescrição, deflagra o intercâmbio entre essas culturas, ou seja, da que é centrada na visualidade e da que explora outras matrizes sensoriais como a do tato e da audição, aqui tomando como referência a experiência da pessoa com deficiência visual.

A visualidade demarca um extenso campo no mundo contemporâneo pois estamos " [...] imersos na profusão sem limite do ver. A visão é o sentido mais constantemente solicitado em nossa relação com o mundo" (LE BRETON, 2016, p. 67).

As imagens são preponderantes, comunicam, provocam questionamentos, estabelecem interlocuções, têm um caráter hegemônico ao ponto de colocar em segundo plano outros sentidos como a audição e o tato.

Dentro do contexto da arte, a preponderância dos contextos visuais também se faz recorrente e solicita espaços apropriados para a construção de subjetividades, reflexões e diálogos.

Ponderamos assim sobre o latente caráter inerente à obra artística e em como ela pode agir sobre o sujeito, instaurando o senso crítico de observação que, envolto pelo espectro da subjetividade, irá acionar outras vertentes constitutivas da formação intelectual, cognitiva, social, política, cultural, de forma a contextualizar o indivíduo na sua própria noção de pertencimento e em sua relação com a arte, operando, conforme ressalta Kastrup (2018), transformações subjetivas e produzindo outros modos de perceber e de estar no mundo.

A coexistência da diversidade nos espaços culturais e artísticos é assim uma configuração a ser perseguida, no intuito de propiciar esse intercâmbio de culturas e, principalmente, a possibilidade de uma experiência estética que ultrapasse o convencional, que estabeleça uma ponte entre quem frui e o objeto artístico, de modo a não apenas propor uma mediação pura e simplesmente técnica, mas repleta de sentido e envolvimento.

Esse caráter entra em consonância com a proposição de uma acessibilidade estética (ALVES; CEREJEIRA, 2016) que assume tal perspectiva e solicita engendramentos possíveis para que esses espaços sejam ocupados por mais e mais pessoas com deficiência, considerando que esse é mais um dos públicos consumidores de arte e cultura e, como tal, precisa ter assegurado o seu direito ao consumo de obras e produtos artísticos.

Levando em conta o objetivo que delimitamos para esse estudo, no que diz respeito à audiodescrição, entendemos que ela será um recurso de acessibilidade comunicacional e de tecnologia assistiva crucial para as pessoas com deficiência visual e, para tanto, a experiência de acessibilidade estética desse público deverá estar imbuída de dimensões que acionem a multissensorialidade e ressignifiquem a hegemonia da visualidade.

Alicerçar a audiodescrição na cena cultural exige um esforço semiótico no afã de compreender articulações que estimulem os espaços culturais a se reinventarem, ampliando suas concepções estruturais, atitudinais e criativas, afim de proporcionar uma melhor experiência de acessibilidade estética para esses usuários.

É preciso pensar que esse intento de "[...] mediar a relação entre o público e a obra implica a realização de esforços visando à aprendizagem da apreciação artística por espectadores pouco experimentados" (PUPO, 2011, p. 114) e que, para tal, os processos precisarão estar alinhavados em concepções que assumam as proposições que enfoquem os exercícios cotidianos de olhar e pensar acessível (BARRETO; CEREJEIRA; ALVES, 2021).

O exercício de olhar e pensar acessível é fundamental para trazer a acessibilidade estética para dentro dos espaços culturais e, assim, fazer com que ela, a acessibilidade, esteja imbricada de forma estrutural, unificada e sinérgica na concepção dos eventos, espetáculos e obras artísticas.

Nesse caso, a audiodescrição poderia e deveria estar presente em todas as possíveis ambiências desses espaços, de forma a contemplar o público com deficiência visual, e não só isso, também de modo a ampliar o olhar para a necessidade primordial desse recurso por outras pessoas, fazendo com que assim, se estabeleça a ampliação de uma rede dialógica (BAKHTIN, 2010), fundamentada nos princípios alteritários.

Começamos com a pergunta acerca da importância de ampliar o olhar para a cena cultural com a audiodescrição e, a partir das reflexões apresentadas, ansiamos que as questões trazidas tenham contribuído para o debate acerca da acessibilidade em espaços culturais, para que se possa atender a esse direito universal de todas as pessoas, do livre acesso à cultura.

Destacamos a importância de olhar e pensar acessível, fazendo dessa premissa uma prática que invada o cotidiano e transforme as ações dos sujeitos envolvidos em todas as esferas, contribuindo desse modo para a formação de uma sociedade cada vez mais justa, equânime e empática.

A articulação e adequação da cena cultural com recursos de acessibilidade comunicacional colabora para que o acesso seja pleno, a experiência estética de fruição possa ser significativa e marcante, de forma a possibilitar que os espectadores possam formular suas subjetivações, ampliar suas interlocuções e expandir seus circuitos dialógicos.

No tocante à audiodescrição, enfatizamos que será um recurso que fará toda a diferença para a pessoa com deficiência visual, visto que os espaços culturais estão imersos em uma profusão de contextos imagéticos, tanto na estrutura física e ambiência, como nas obras e produções artísticas, ou seja, elementos que possuem toda uma gama de referenciais indispensáveis à criação das inferências e à própria ampliação do sentido e entendimento destas visualidades que estão a todo momento querendo comunicar algo.

A expectativa almejada é também a de que as indicações reflexivas no âmbito da acessibilidade estética se maximizem, ressignificando as estruturas já existentes de mediação artística, no sentido de estimular a compreensão de que não basta apenas ter um contexto educativo de mediação que conduza os espectadores por uma imersão técnica, mas que, sobretudo, proporcione aos diversos públicos uma relação intrínseca e reveladora com as obras e esses espaços de fruição.

Somadas, arte, cultura e acessibilidade, podem formar uma tríade potente para um processo social de reeducação do olhar, que deflagra a constituinte alteritária do encontro com o outro, com a poética de um outro que é diverso, que pode construir outras formas de apreciação, de consumir e sentir a arte e, assim, expressar-se por meio desse campo de

subjetividades que é, na maior parte das vezes, transformador.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jefferson Fernandes. CEREJEIRA, Thiago de Lima Torreão. **Visualidade e audiodescrição: a cena teatral sob o ponto de vista da deficiência visual**. Revista ASpas. São Paulo, V. 10, N. 2 (2021): VISUALIDADES DAS CENAS / Seção Especial.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BARRETO, Mayara Bezerra Jerônimo da Silva. CEREJEIRA, Thiago de Lima Torreão; ALVES, Jefferson Fernandes. **Exercícios de olhar e pensar acessível em oficinas de audiovisual com audiodescrição**. Revista Humanidades & Inovação, Palmas/TO, v. 8, n. 35, p. 221-229, 2021.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS (1948). Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm> Acesso em: 15 de maio de 2022.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Transcrição na íntegra do vídeo da entrevista, 1994.

KASTRUP, Virgínia. **Cegueira e invenção: cognição, arte, pesquisa e acessibilidade**. Curitiba: CRV, 2018.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PUPPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Mediação artística: uma tessitura em processo**. Revista Urdimento, Florianópolis, n. 17, 2011.

SARRAF, Viviane Panelli. **Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência: benefícios para todos**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São Paulo, n. 6, junho 2018